DOIS DISCURSOS

FRANCISCO MARIALVA MONT'ALVERNE FROTA

I — BATISMO EM ATENAS *

Confesso-vos, prezados consócios, nesta hora candidíssima ao meu coração, atendendo ao generoso chamado para desfrutar do vosso convívio fraterno, no fulgor dos vóssos concílios, que não encontro, por tão falto de atributos, razões que motivassem o aceno cativante, senão que identificassem nele o reconhecimento ao amor que dedico a esta Ilha — feiticeira, que elegi como centro de minhas atividades profissionais, como templo para a pouquidão de minhas pesquisas, como berço amorável para os meus filhos, pois que eu, vos adito com orgulho, há muito sou um dos vóssos, cantando, a tanto possa, vossas glórias, desde os arcanos de vossa formação histórica.

Ardilosamente, mas sem desconfiar da acolhida que, agora se reveste das pompas de vossas atenções, travei o meu ao braço do Grão-Vizir dos vossos salões, e subi as arcadas deste Sodalício em companhia do Mestre Ruben Ribeiro de Almeida, vademecum da história maranhense, fonte de recorrência de toda dúvida suscitada, tamanha a precisão da memória que lhe salta precisa, ao lume da indagação imediata, entremeada de boutades, com a aisance de historiador de tomo.

Chego a vossa Casa já identificado com o vósso processo de desenvolvimento econômico, e venho a vós com as mãos molhadas das águas impetuosas do Itaqui, porque eu cedo, acreditando nas excelências topo-hidrográficas do vosso ancoradouro, vim da Província do Ceará para a aventura mareante do Maranhão, como operário de vossa grandeza econômica, para delinear a quadratura legal que corporifica, no milagre da ficção jurídica, o arrojo do Porto do Itaqui — a vossa Porta Atlântica do Meio-Norte.

Os Institutos Históricos e as Academias de Letras são, de comum, os cenáculos onde se assentam os valores regionais e as celebrações nacionais, ao tempo em que o recolhimento lhes bate à porta, em companhia da idade outoniça.

Trago ainda comigo uns longes de juventude, conquanto por

---

* Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, proferido em São Luís, em 31.08.74.

premonição já esteja consciente da arte de envelhecer e de saber que é de maior valia, senão mais difícil, que ser jovem. Nem assim se me torna difícil o convívio convosco, porquanto sei que serei, no meio de vós, um discípulo e reconheço que, só mais tarde, quando em mim se avigorarem, em processo de decantação, os vossos ensinamentos, poderei seguir vossa trilha, ainda costeando dificuldades, mas impelido pelos exemplos dignificantes.

Mal nos encontramos, diletos consócios, e os legados do sangue me põem o coração aos pulos de contentamento, para exaltar uma memória muito amada desta Instituição, e que no fio cronológico dos seus anais é o elo afetivo que me liga ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Thucydides Barbosa nasceu nos sertões da Vila de Santo Antonio de Balsas, que ele mesmo, filho devotado ao seu burgo natal, elevou, em 1918, às categoria de cidade, desfeixando o processo legislativo na Assembléia do Estado, o que se positivou na Lei n.º 115, de 22 de março de 1918.

Estatura mediana, um pouco recurvo, rotundo, indefectívelmente portando chapéu e guarda-chuva, Thucydides Barbosa tinha o rosto plácido e o olhar azul que refletia a fortaleza do chefe de família, todo a ela dedicado, o amigo fidalgo, o funcionário próbo e o cidadão que, pela verticalidade de sua vida, se alçou para sua descendência como um nume tutelar, e para os seus concidadãos como um pró-homem do Maranhão, como tão verazmente acentuou Antenor Bogéa.

Como lamento, permiti-me dizer-vos, empolgado que estou nessa digressão afetiva, não o haver conhecido, pois sei que haveríamos de falar dos encantos do Rio Balsas, do calor da minha velha Caiçara, das vossas glórias, da sua luta e de tudo aquilo que faz do vosso Estado uma terra de leite e mel.

Sei que a sua sombra amiga há de estar rindo ao ver-me, sem conhecê-lo, prestar-lhe a primeira homenagem no hemiciclo desta Instituição a que pertenceu, ocupando a poltrona 35, cujo patrono é Domingos de Castro Perdigão. Mas eu compreendo toda a magia desse riso agradecido, pois agora mesmo vejo transmudado nos olhos de sua neta Maria Gerviz, que é o grande encanto de minha vida.

Ajudai-me a atravessar o Rubicon dessas emoções, para que possa me desincumbir da missão tão enlevante desta hora, que é um pablo para o meu espírito.

Dom José Tupinambá da Frota, Bispo Conde de Sobral, honroso componente deste Instituto, como sócio córrespondente, é a quem devo o primeiro contacto com a obra do professor de alta

ciência, que foi Francisco Sotero dos Reis, patrono da Cadeira 43, onde hoje, nesta Sagração, me assento por vossa galante mercê.

Dedicado a Sobral, o seu Bispo — Instituição testava os conhecimentos da juventude da terra de Domingos Olímpio, exigindo-nos a leitura de excerptos das obras de Ovídio, Virgílio, Tácito e Cesar, aferindo da nossa leitura trôpega as deficiências que a emoção inibitória ainda frenava.

Tenho comigo o juízo de que Dom José, no íntimo, enquanto nos ouvia, desejava recordar, na solidão da Avenida Senador Paula, os tempos de sua mocidade no Colégio Pio Latino e na Universidade Gregoriana, e perturbava-se de ver atropelada, pela nossa claudicante dicção, a sonoridade da língua de Cícero, irritando-se, mais ainda, por não dominarmos a nossa língua Portuguesa. Ainda me soa aos ouvidos a sua voz: "Leiam a tradução de Sotero dos Reis". E o velho pontífice sobralense levantava-se e, lépido, chegava à sua biblioteca, correndo a mão nas lombadas de percalina dos seus preciosos livros, procurando encontrar a edição de 1863, dos Comentários de Caio Júlio Cesar, traduzidos por Francisco Sotero dos Reis. Parece que estou a vê-lo, entregando-me o livro magnífico, tão igual a um exemplar que mais tarde vim a possuir, ao tempo em que já havia elegido a Faculdade de Direito para centro dos meus estudos universitários.

Afigura-se-me, procurai entender-me, por ser mais informal, senão que mais agradável, tentar grupar, pelo fio evolutivo de minhas reminiscências, a cadeia de fatos que me une a Sotero dos Reis, porquanto fazer-lhe o panegírico é tarefa honrosíssima a tantos, mas que a mim é porfia desmedida, relevando os ricos veios do componente do Grupo Maranhense e as reduzidas forças de que sou possuidor.

Optando pelo Direito, por ser a carreira que mais se ajusta às minhas inclinações e por crer que o advogado é, entre muitos, o lídimo representante dos ideais de liberdade e do exercício da democracia, vi, no vestíbulo da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, ao tentar ingressá-la, como obstáculo a transpor, a prova de Latim, conquanto já estivesse munido das excelentes traduções de Manoel Odorico Mendes e de Francisco Sotero dos Reis.

Ao recordar a manhã vexatória do meu encontro com o Professor José Amorim Sobreira, ainda me perpassa a sombra daquele terror. Amorim Sobreira era romanista de renomeada, afeito às pesquisas das Pandectas. Latagão, ereto, Amorim Sobreira assomava às escadarias da Faculdade de Direito, mamando um charuto e conduzindo, sempre, um texto de Latim.

Ao sentar-me à mesa para o exame oral, o latinista que tanto honrou ao Ceará, disse-me em tom mavórtico: "Leia-me no De Bello Gallico, o Argumentum do Livro II". Mal pude, prezados consócios, abrir o livro e encontrar o texto solicitado, quando os fumos do charuto injetaram-me os olhos. Acostumado às sabatinas de Latim, presididas por Dom José, embatuquei-me no texto que era de minha intimidade, traduzindo-o, a seguir, nem me havia pedido o meu Mestre.

A sua alma que cria ser tão hermética, abriu-se como um pálio sobre mim, dizendo-me: "A pronúncia não me desagrada, mas a tradução é ótima, muito boa, é do melhor Sotero dos Reis". E desse dia em diante, o temor desapareceu e, no final do curso, às vésperas de me ser conferido a fé do grau, disse-lhe em tom de confidência, tentando repelir o trauma de sua angustiante visão, dos primeiros dias de Faculdade: "Professor Amorim Sobreira, foi durante o bacharelado, mas só no seu final, que entendi que o seu porte prussiano era faceta dos nossos olhos atemorizados; sua alma é álacre, é doce como um coco da Praia de Iracema". E, entre a sua gargalhada, convidou-me a ir ao Instituto do Ceará, onde, depois nos tornamos consócios. O coração parou-lhe a vida, traindo ao Ceará, que se viu privado de um filho de escol.

Sotero dos Reis é nome que pompea em largo período da literatura maranhense, mas soube ser o mestre consumado do vosso Liceu, o autor das "Postilas", o jornalista do "Publicador Maranhense", do "O Observador", da "Revista" e do "Maranhense".

Henriques Leal traçou-lhe o perfil no contexto do Panteon Maranhense, obra que está pedindo, no decurso do seu Centenário, uma reedição anotada.

O historiador em Sotero dos Reis tem de ser analisado no prisma cultural, em que se incrustou, ou mesmo pela recolta de seus trabalhos jornalísticos, enfim, no talento que punha em suas traduções, onde, creio, muito se deleitou, conversando com os generais de Cesar, acantonados no bivaque da sua sala de estudos.

Mede-se em Francisco Sotero dos Reis o publicista infatigável, o jornalista lúcido e o crítico do Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira, avantajando-se como um purista de valor expressional reconhecido pela Nação.

Chapadinha deu-vos, com José Mata Roma, o primeiro e único ocupante da Cadeira 48, sob o patronato de Sotero dos Reis, que se estenderia na Cadeira 17 da Academia Maranhense de Letras, de que foi também detentor o poeta de Velhos Ritmos.

O exercício do magistério e a inclinação para a política, em

José Mata Roma, são os pontos que convergem para a identificação com Sotero dos Reis.

O Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão não deve ser centro de antiquária. Capistrano de Abreu, nos "Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil" já varrera o europeismo, tão a gosto de Varnhagem, colocando o historiografia nacional nas vertentes do nosso processo evolutivo.

Diversas correntes historiográficas alcançam ambiência nacional, entre as quais a ideológica e a culturalista vingam com raízes de propagação. No Maranhão parece-me que a historiografia biográfica está estacionada, mas pode, com o vosso concurso, tornar-se vigorosa.

A missão do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão é a de ser o fermento de um centro de pesquisa polivalente, que estude a história da nossa geração ou que analise as antecedentes, vinculando-a à presente, pois só assim este Grêmio será frutuoso.

Das terras combustas no Ceará trago o desejo de trabalhar convosco, arrimado nas vossas diretrizes objetivas e fecundas. Já conheço esta Ilha, há muito venho pisando as tábuas corridas de bacuri deste Museu Histórico e Artístico e vendo o estendal dos vossos babaçuais.

Entrando em vossa Casa, no nosso Instituto, vos trago o abraço fraternal da Ribeira do Acaraú, onde está plantada, pela tenacidade dos seus filhos, a minha bi-centenária Vila Distinta e Real de Sobral.

II — FRANCISCO ARAÚJO, VINDIMEIRO DE SOBRAL *

Francisco Araújo é nome respeitável do Ceará, mercê de sua projeção nos círculos médico e educacional e inscrito nos forais da Princesa do Norte como dileto cidadão de Sobral, por haver sido de seu brilhante espírito e de suas mãos dadivosas que surgiu a UVA — UNIVERSIDADE VALE DO ACARAU — ao tempo do seu laborioso exercício na Câmara de Ensino Superior do colendo Conselho Estadual de Educação, a que tanto honrou, com a experiência do seu magistério, de que tinha largo tirocínio, como de resto fez em tudo em que participou, sempre voltado para o bem comunitário, sem eiva demagógica que deslustrasse a iniciativa, sem a empáfia que esmaecesse a pureza de suas intenções altruísticas.

O Ipu — terra bucólica, abençoada pelo Mártir-Santo — foi o berço de Francisco Araújo, nascido em 1903, penúltimo rebento da próle honrada do venerado casal José Lourenço de Araújo e Maria

* Pronunciado no Instituto do Ceará, na sessão de 20.9.74.

do Carmo Araújo, ambos vindo das margens da Ribeira do Acaraú, pois que santanenses eram.

Cedo faltou a Francisco Araújo o olhar materno e, já em Fortaleza, quando, estagiava com sucesso no Colégio Cearense, com presença marcante no grêmio literário, onde encontrou tempo para fundar a revista Verdes Mares, a morte arrebatou-lhe o pai, assumindo Oswaldo Araújo a tutela do pupilo irmão, encaminhando-o para os horizontes médicos da escola da Praia Vermelha, a que estava decidido a frequentar Francisco Araújo.

Menino de pé de serra, acostumado aos ventos dos canaviais, ao refrigério da garapa e dos banhos do Gangão após os folguedos no Quadro, Francisco Araújo, vibrátil como era, viu-se no paquete Rodrigues Alves, para alcançar o Rio de Janeiro, aportando na Lapa, enxameada de cortiços estudantis e repúblicas acadêmicas, ingressando, após reduzido tempo, na Faculdade de Medicina, cedo adaptando-se aos encantos da Cidade Maravilhosa, sem contudo ser arrojado nos excessos tão comuns à juventude, pois sempre conservou o caráter inteiriço e a fé cristã inabalável, que nunca o abandonaram, exaltando-lhe a nobre personalidade.

A fé em Francisco Araújo foi um parâmetro de sua vida, visível a todos os que o conheceram, que o frequentaram, que o ouviram, na prosa exuberante ou no magistério, enfim. Na Igreja dos Padres Sacramentinos, em Fortaleza, era fácil ver-se o jubilado Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará, contrito na prática de sua confissão religiosa. O carisma batismal que lhe impôs o Padre Maximiano Pinto da Rocha, sempre iluminou-lhe a inteligência, até mesmo quando o "cristalino opaco" dos seus olhos reduziu-lhe a visão e não temeu a noite do éter, por tanto confiar na claridade de novas alvoradas, que a fé lhe assegurava.

Durante o curso médico viu, Francisco Araújo, o buliço da Avenida Central que, no Governo Rodrigues Alves reduziu a inveja carioca causada pela Avenida de Mayo. Assistiu aos lances angustiantes do Governo Arthur Bernardes. Acompanhou o crescimento das Praias do Flamengo, Botafogo e Copacabana, a primeira em movimento e nudismo. Voltado às letras, o ipuense entrevistou Marinetti, no Pálace Hotel, bandeando-se, no Ceará, com o grupo aglutinado na revista Maracajá, pelo modernismo. Não dispensava nas folgas as galerias da Câmara dos Deputados, admirando o verbo de João Neves da Fontoura e o do grupo gaúcho.

Médico, médico-doutor, antes Francisco Araújo fora aluno-interno no Hospital do Corpo de Bombeiros, onde galgòu,, em interinidade, o cargo de Oficial-Médico, tudo por esforço próprio e pelo olhar compreensivo do sobralense Maximiano Barretò.

Atraído pela força telúrica da terra natal, irresistível como a queda da Bica, o filho do Ipuçaba trazia sonhos adormecidos e logo os realizou, casando-se com Francelina Martins, vivendo um amor que dava gosto de ver, por feito de ternura, de delicadeza e que, aos quarenta anos de casados, ainda era amor de noivos.

Ipú, Granja, Massapê foram itinerários de Francisco Araújo antes que chegasse a Sobral, àquela altura já identificado com a problemática sanitária do Estado, sob a orientação de Amilcar Barca Pellon, ao tempo da interventoria Carneiro de Mendonça.

O Posto de Higiene de Sobral é fruto da tenacidade de Francisco Araújo, devotado em propiciar à gente de minha terra as condições para a higidez da saúde, numa linha de atividade de saneamento básico, construindo fossas septivas e chafarizes públicos. Nesse primeiro estágio o sanitarista ipuense cuidava da saúde da comunidade, pois que depois iria preparar a vindima da UVA, estruturando com o Cônego Francisco Sadoc de Araújo as vigas mestras das unidades de ensino superior das Faculdades de Ciências Contábeis, Engenharia Operacional e Obstetrícia, compondo um mosaico universitário funcional, fugindo ao organograma clássico, por melhor servir aos anseios da juventude da Zona Norte. É a esse labor fecundo, grande para o tempo de três anos em terra sobralense, é a essa vida modelar que Sobral tanto deve e que tão agradecida ficou.

Cresce em realizações a operosa vida de Francisco Araújo voltada para os legítimos interesses do Ceará. Diretor de Saúde, em Fortaleza, Francisco Araújo depois chegou à Comissão do Plano-Diretor da Cidade, ao tempo de Paulo Cabral. Novos Postos de Higiene e de Endemias foram criados no Estado, além do Laboratório Central do Departamento de Saúde e do Centro de Tratamento Rápido, em Fortaleza. Sempre disponível no seu desprendimento, Francisco Araújo participou dos elevados propósitos da Legião Brasileira de Assistência, dirigindo durante o governo do seu fraterno amigo Paulo Sarasate, o Departamento Estadual da Criança, em cujo cargo multiplicou lactários, sempre pautado no humanismo cristão de que era possuidor, mas debaixo de inflexíveis critérios de probidade, infenso a preferências zonais ou a inclinações afetivas.

A criança sempre exerceu em Francisco Araújo um fascínio desmedido. Ele mesmo, senhor da língua, dominando-a com o favo do seu coração ipuense, dela disse na X Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria, em 1958, em Fortaleza: "Bendito é aquele que serve à criança sem dela esperar recompensa outra que não o encanto de vê-la sorrir, na glória de sua vitalidade".

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, foi um sonho a que não faltou a vigorosa contribuição de Francisco Araújo em torná-la realidade, bracejando ao lado de Jurandir Picanço e de um valoroso contingente médico que tanto engrandece ao Ceará. Ao tempo da gestão de Ocelo Pinheiro, o Professor Francisco Araújo, docente de Higiene, assumiu as relevantes incumbências de Chefe de Departamento, integrante do Conselho Departamental, alçando-se, por duas vezes, em caráter eventual, à Direção da Faculdade de Medicina, pora finalmente extrapolar o raio de suas atividades no Conselho Universitário da Universidade Fed. do Ceará, representando aquela unidade.

Virgílio Távora, homem de forte tradição política no Ceará, levou Francisco Araújo, ao tempo do seu governo desenvolvimentista, para a área educacional, para o convívio diligente do Conselho Estadual de Educação, quando o mestre ipuense da Faculdade já havia se retirado, depois de representá-la em congressos nacionais e no Seminário de Medicina Preventiva, no Chile.

À frente da Câmara de Ensino Superior, o Cônego Francisco Sadoc de Araújo, continuando a tradição sobralense de padre-mestre, em cuja relação se destacam Padre Fialho, Dom José Tupinambá da Frota, Monsenhor Aloísio Pinto e Mons. José Gerardo Ferreira Gomes, encontrou em Francisco Araújo o amigo leal para a autorização do funcionamento da Faculdade de Ciências Contábeis de Sobral, primogênita da Universidade Vale do Acaraú. O parecer do educador ipuense é da maior valia como estudo sociológico, no qual se ressalta o equilíbrio do julgamento do corpo docente, a análise detalhada das instalações do benemérito Seminário da Betânia, em tudo antevendo os frutos de sua videira cultural, amanhada com o seu esforço intelectual, regada com as águas da afetividade do seu Ipú, que em Sobral tinha uma lídima representante, em sua irmã Maria Marphisa Mont'Alverne, por quem sei, aumentava-lhe o ânimo de servir a Sobral.

A Universidade Vale do Acaraú, a qual pertenço com o meu bisonho magistério, reconhecidamente pôs em Francisco Araújo o capelo de um doutorato honorífico, laureando ao seu mais elevado amigo.

Quando a Caiçara, a 5 de julho de 1973, comemorava o bicentenário de sua elevação à Vila, outorgou-lhe, na Casa da Câmara, o título de Cidadão de Sobral, justa homenagem a uma vida modelar, rica de atividades comunitárias, e que na Princesa do Norte foi fecunda, por haver sido Francisco Araújo o vindimeiro de Sobral.

"Entre o Verbo e o Verso" foi a despedida de Francisco Araújo, ofertado à cultura cearense, como síntese de sua vida operosa, em que se pode detectar o cristão, o cidadão, o esposo, o pai, o avô, o médico, o professor e o educador. E mais ainda o poeta tão colorido como o arco-íris que se forma no arrebentar da Bica do Ipú, quando o sol abraça as águas.

Com a acolhida de Walter Moura Cantídio, Jurandir Picanço, Cláudio Martins, Milton Dias, Plácido Castelo, Francelina Araújo lança o livro do memorialista, em Fortaleza e, recentemente, em Sobral, lá com a presença da Fundação Universidade Vale do Acaraú, Academia Sobralense de Estudos e Letras e Centro Médico Cearense — Seção de Sobral, certa de que está cultuando uma memória muito amada e propagando um exemplo tão dignificante.

Raramente o frequentava, mas o fazendo a acolhida era fraternal e o assunto, não sendo sobre a UVA, chegava de imediato: era o Ipú. Trouxe-o ao Maranhão, para testemunhar, com Francelina, o meu casamento, na Catedral de Nossa Senhora das Vitórias, em cujo sólio os maranhenses já ouviram as prédicas de Dom Xisto Albano, cearense da Serra da Aratanha. Desse tempo então a correspondência entre nós era intensa, pois que, não me inibo de acentuar, provindo da grei dos Araújos, muito o admirava, na prosa, nas atividades e na sua fé, que sempre vi robusta.